

## Curadoria, convivência e a construção de Redes Invisíveis

ELUCUBRAR PEDANTEMENTE A FABRICAÇÃO DE OBJETOS – MATERIAL EDUCATIVO, BRINQUEDOS OU LIVROS – QUE FOSSEM APROPRIADOS PARA CRIANÇAS É TOLICE. DESDE O ILUMINISMO ESSA É UMA DAS MAIS BOLORENTAS ESPECULAÇÕES DOS PEDAGOGOS. SEU ENRABICHAMENTO PELA PSICOLOGIA IMPEDE-OS DE RECONHECER QUE A TERRA ESTÁ REPLETA DOS MAIS INCOMPARÁVEIS OBJETOS DE ATENÇÃO E EXERCÍCIO INFANTIS. E DOS MAIS APROPRIADOS. OU SEJA, AS CRIANÇAS SÃO INCLINADAS DE MODO ESPECIAL A PROCURAR TODO E QUALQUER LUGAR DE TRABALHO ONDE VISIVELMENTE TRANSCORRE A ATIVIDADE SOBRE AS COISAS. SENTEM-SE IRRESISTIVELMENTE ATRAÍDAS PELO RESÍDUO QUE SURGE NA CONSTRUÇÃO, NO TRABALHO DE JARDINAGEM OU DOMÉSTICO, NA COSTURA OU NA MARCENARIA. EM PRODUTOS RESIDUAIS, RECONHECEM O ROSTO QUE O MUNDO DAS COISAS VOLTA EXATAMENTE PARA ELAS, E PARA ELAS UNICAMENTE. NELES, ELAS MENOS IMITAM AS OBRAS DOS ADULTOS DO QUE PÕEM MATERIAIS DE ESPÉCIE MUITO DIFERENTE, ATRAVÉS DAQUILO COM QUE ELES APRONTAM NO BRINQUEDO, EM UMA NOVA, BRUSCA RELAÇÃO ENTRE SI. COM ISSO, AS CRIANÇAS FORMAM PARA SI SEU MUNDO DE COISAS, UM PEQUENO NO GRANDE, ELAS MESMAS. SERIA PRECISO TER EM MIRA AS NORMAS DESSE PEQUENO MUNDO DE COISAS, SE SE QUER CRIAR DELIBERADAMENTE PARA AS CRIANÇAS E NÃO SE PREFERE DEIXAR A ATIVIDADE PRÓPRIA, COM TUDO AQUILO QUE NELA É REQUISITO E INSTRUMENTO, ENCONTRAR POR SI SÓ O CAMINHO QUE CONDUZ A ELAS. (WALTER BENJAMIN, EM OBRAS ESCOLHIDAS II: RUA DE MÃO ÚNICA, 1995, P. 18)

---

1. *Carol Fescina* – Gestora cultural, curadora e articuladora nas Artes Cênicas, formada em Direção Teatral pela Universidade Federal de Ouro Preto e especialista em Processos Criativos pela PUC Minas Gerais.

Este trecho de Benjamin acompanha-me já há alguns anos quando penso as possíveis infâncias na arte e na vida. Tenho um irmão de 9 anos que nasceu enquanto minha mãe tinha sua casa em obras, e eu o vi crescer, mesmo que à distância, construindo (em meio e) a partir daquele espaço e das pessoas que levantavam as paredes dos novos cômodos. Foi curioso conhecer este trecho da obra de Benjamin ao mesmo tempo em que, aos 25 anos, observava o mundo do meu irmão nascer.

Pensando em meu exercício curatorial, acompanhar processos como este me permite expandir o olhar e ampliar de certa forma meu repertório. Durante os dois dias em que estivemos em Uberlândia/MG – 08 e 09/11/2019 –, nos encontrando, convivendo e refletindo acerca de questões presentes no Teatro Infantojuvenil feito no Brasil hoje, em muitos momentos percebi um olhar restrito e cristalizado sobre a curadoria.

Falava-se de curadoria apenas como um aparato de conhecimento que opera pela seleção, ou seja, pela lógica da exclusão. Contudo, curadoria também é, além de um processo de seleção, um lugar de poder, uma ferramenta de controle. E é importante lembrar que, tendo consciência deste processo, a ideia de curadoria pode e deve ser expandida. Se assumirmos que toda curadoria é um recorte e que nenhuma exclusão é definitiva, já desconstruímos um pouco esta ideia de poder e controle, ou pelo menos explicitamos que outros poderes podem ser estabelecidos simultaneamente ao de

uma determinada curadoria.

Esta expansão do olhar crítico é, talvez, a maior responsável por uma evolução nos processos curatoriais, que há algum tempo debruçavam-se na construção de narrativas e que hoje cuidam muito mais de construir ou organizar discursos. Daí a importância de pensarmos políticas de apresentação que extrapolem a exibição, já que esta prevê apenas visibilidade e não a inclusão ou a representação.

Quando Layane Holanda e Soraya Portela trazem para a mesa-redonda intitulada "*O papel da curadoria na cena contemporânea para crianças*" a experiência do *TRISCA – Festival de Artes para Criança*, realizado em Teresina/PI, penso que estamos falando justamente desta ampliação de olhar crítico e expansão do exercício curatorial. O TRISCA Festival conta, como parte de sua curadoria, com a *Companhia de Pessoas Espertas* (CPE), um coletivo composto por crianças e adultos. Entender a criança como componente do processo de construção de um projeto ou de uma programação que tem a criança também como público principal é mais do que um exercício de autonomia, é um processo de inclusão. Sendo assim, inserir a criança neste processo torna-se uma política, propõe uma nova forma de organização e desobedece a norma.

Também é possível identificar por meio das experiências vividas uma potência que me parece inerente à convivência em diversos contextos: familiar, profissional, intergeracional. Aqui, vou me ater à convivência entre adultos e crianças a partir do que Jacques Rancière define como uma partilha do sensível:

DENOMINO PARTILHA DO SENSÍVEL O SISTEMA DE EVIDÊNCIAS SENSÍVEIS QUE REVELA, AO MESMO TEMPO, A EXISTÊNCIA DE UM COMUM E DOS RECORTES QUE NELE DEFINEM LUGARES E PARTES RESPECTIVAS. UMA PARTILHA DO SENSÍVEL FIXA, PORTANTO, AO MESMO TEMPO, UM COMUM PARTILHADO E PARTES EXCLUSIVAS. ESSA REPARTIÇÃO DAS PARTES E DOS LUGARES SE FUNDA NUMA PARTILHA DE ESPAÇOS, TEMPOS E TIPOS DE ATIVIDADE QUE DETERMINA PROPRIAMENTE A MANEIRA COMO UM COMUM SE PRESTA À PARTICIPAÇÃO E COMO UNS E OUTROS TOMAM PARTE NESSA PARTILHA. O CIDADÃO, DIZ ARISTÓTELES, É QUEM TOMA PARTE NO FATO DE GOVERNAR E SER GOVERNADO. MAS UMA OUTRA FORMA DE PARTILHA PRECEDE ESSE TOMAR PARTE: AQUELA QUE DETERMINA OS QUE TOMAM PARTE. O ANIMAL FALANTE, DIZ ARISTÓTELES, É UM ANIMAL POLÍTICO. MAS O ESCRAVO, SE COMPREENDE A LINGUAGEM, NÃO A 'POSSUI'. OS ARTESÃOS, DIZ PLATÃO, NÃO PODEM PARTICIPAR DAS COISAS COMUNS PORQUE ELES NÃO TÊM TEMPO PARA SE DEDICAR A OUTRA COISA QUE NÃO SEJA O SEU TRABALHO. ELES NÃO PODEM ESTAR EM OUTRO LUGAR PORQUE O TRABALHO NÃO ESPERA. A PARTILHA DO SENSÍVEL FAZ VER QUEM PODE TOMAR PARTE NO COMUM EM FUNÇÃO DAQUILO QUE FAZ, DO TEMPO E DO ESPAÇO EM QUE ESSA ATIVIDADE SE EXERCE. ASSIM, TER ESTA OU AQUELA 'OCUPAÇÃO' DEFINE COMPETÊNCIAS OU INCOMPETÊNCIAS PARA O COMUM. DEFINE O FATO DE SER OU NÃO VISÍVEL NUM ESPAÇO COMUM, DOTADO DE UMA PALAVRA COMUM ETC. (JACQUES RANCIÈRE, EM A PARTILHA DO SENSÍVEL, 2009, P. 15)

É importante ressaltar que quando pensamos esta partilha, ou o comum, não estamos ignorando a fragilidade das relações e a possibilidade de cristalização de relações de poder. Ao contrário, a proposta aqui é refletir sobre o espaço de convivência como um espaço possível de construção coletiva.

Neste sentido, a partir do que foi discutido ao longo da realização do Seminário, nosso desafio é pensar uma construção que envolva de alguma maneira o outro, neste caso as crianças. Pois quando falamos pelo outro, obviamente não estamos falando com ele, ou seja, estamos pensando apenas em políticas de visibilidade e não em outras formas de organização.



Espaço Kids / Seminário de Teatro Infantojuvenil da Trupe de Truões / 2019 / Foto: Luciano Pacchioni

Trazendo a própria formatação do 5o Seminário de Teatro Infantojuvenil da Trupe de Truões, podemos observar formas de organização que extrapolam a exibição. Diferente do TRISCA Festival, o grupo não contou com crianças em sua concepção conceitual e programática, mas assumiu a presença das crianças nos espaços físicos onde os encontros foram realizados. Com esta ação simples, de interferência no espaço, o próprio Seminário propõe a convivência por meio de uma subversão de formas tradicionais que separam os espaços e tempos destes corpos (crianças e adultos).



Acredito que, ao considerar a participação do outro em um processo, garantimos algo além da visibilidade. Se construído de forma equilibrada e não hierarquizada, é possível que estejamos falando de representatividade e estabelecendo mundos que ainda não existem. É partindo desta noção de compartilhamento do sensível e da convivência que trago a ideia do que chamo de Redes Invisíveis. Redes independentes, ou desgovernadas – no sentido de que não são institucionalizadas –, ou dependentes de alguma relação institucional. Relações subjetivas que reverberam objetivamente a partir dos espaços de convivência.

Entendo que hoje nosso desafio não é apenas estabelecer outras Redes. A questão agora é como estas Redes são ativadas e se mantêm vivas. Durante o Seminário, tivemos a oportunidade de compartilhar algumas experiências nacionais e internacionais de Redes que pensam arte, cultura e infância (CBTIJ, ASSITEJ, FIBRA, Vincular e ITYARN). As que foram apresentadas variavam muito em formato, tempo de existência e capilaridade. No entanto, todas, em algum ponto, tinham em comum convicções e demandas de comprometimento coletivo.

Mais do que por interesses e necessidades comuns, as Redes hoje se mantêm por afetos. Expandimos a noção de Rede pelo sensível. Desta forma, o que mantemos de objetivo é a convicção por trás destas teias. E é neste processo de ativação do sensível em diálogo com o possível que proponho voltarmos à ideia de construção, a perceber o todo a partir do que é pequeno.



Espaço Kids / Seminário de Teatro Infantojuvenil da Trupe de Truões / 2019 / **Foto:** Luciano Pacchioni

Olho para o meu irmão como a casa em construção, ele vai se tornando adulto ao mesmo tempo em que o processo de construção da casa vai se dando como um possível resultado. Nossas Redes Invisíveis, nossos processos curatoriais, os espaços de convivência que estamos construindo entre adultos e crianças é que ficarão. Ao final de cada trajetória ainda não estarão prontos, mas terão um canteiro preparado para as próximas obras.